

IGOR ALBUQUERQUE

PERIFÉRIAS
SOPRANAS

TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA METRÓPOLE



THE
MUSEUM OF
MODERN ART
NEW YORK

IGOR ALBUQUERQUE



TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA METRÓPOLE

Monstro dos Mares

Inverno de 2022

Ponta Grossa - PR

Aviso de Copyleft: Esta publicação é uma ferramenta de luta contra o capitalismo, a colonialidade e o patriarcado em todas as suas expressões. Por isso, pode e deve ser reproduzida para ler em qualquer lugar, discutir em grupo, promover oficinas, citações acadêmicas, rodas de conversas e fazer impressões para fortalecer o seu rolê anarquista / banquinha de zines / coletivo. Compartilhar não é crime. Pirataria é multiplicação.

Pixação em São Paulo:

Território e relações de poder na metrópole

Igor Albuquerque

Diego Max (Concepção da arte da capa)

Gabi Niu (Lettering da arte da capa)

Baderna James (Diagramação e preparação da capa)

abobrinha (Preparação do texto)

Raphael Sanz (Revisão)

Érri (Montagem)

Giga e Alegria (Montagem)

Editora Monstro dos Mares

Divulgação Acadêmica Anárquica

Caixa Postal 1560

Nova Rússia

Ponta Grossa – PR

84071-981

Ficha catalográfica elaborada com os dados fornecidos pelo(a) autor:
Paulo Roberto Freitas da Silva (CRB14/1655)

124p

Albuquerque, Igor

Pixação em São Paulo: território e relações de poder na metrópole / Igor Albuquerque; Ponta Grossa, PR: Monstro dos Mares, 2022

64p.: 21 cm.

ISBN 078-65-86006-22-7

1. Comunicação 2. Pixação - São Paulo (SP). I. Albuquerque, Igor. II. Título

CDD 306.44

“A todo jovem de quebrada / Não abaixe sua cabeça / Resista, não deixe o mal te pegar / Siga firme, você não pode parar / Se levante, busque forças pra se organizar / Não se iluda, o sistema quer te derrubar / Estude, conheça a verdadeira história / Se concentre, conhecimento vos libertará / Vocês são o futuro, juntos irão transformar”.

Monkey Jhayam – Gueto Yute.

PREFÁCIO†

Tarefa complicada essa de, além de entender e dar sentido a esse mundo doido, que nos cerca, expressá-lo. É com flow e ginga que o Igor abraçou essa missão nesse livro, e você tem em mãos o resultado disso. Fruto, mais do que de sua pesquisa de trabalho de conclusão de curso, de sua caminhada pelo mundo, pelas cidades, por São Paulo. O livro expressa um pouco da vida que as tintas nos muros carregam. Vida que muitas vezes se equilibra numa pulsão de morte, mas ainda é viva e pulsa.

Por meio das letras, dos traços, da visibilidade e da dificuldade dos “picos” pixados, os pixadores expressam por meio da pixação seu entendimento do mundo, sua crítica, se comunicam entre si, brilham no anonimato externo alimentado pela dinâmica interna do movimento. E é por meio de palavras, pontuações, períodos e orações que esse texto expressa, nesse livro, o que é possível se compreender do entendimento de mundo, da crítica e da comunicação de pixadores pelas ruas de São Paulo.

É como na música de Black Alien, por meio de uma “Habilidade natural de lapidar ideias que saem da [...] mente como zangões zangados de minha colmeia” que o Igor nesse texto retrata o movimento do poder nas disputas que acontecem na cidade como campo simbólico e prático de territorializações, enraizamentos do poder no espaço, marcas de uma reflexão geográfica sobre a realidade.

† **Nota da edição:** A palavra “Pixação”, escrita com X, se refere ao movimento de pixadores de São Paulo. Já a palavra “Pichação”, com CH, se refere à prática de pichar paredes de forma genérica. Ou seja, um Pixador é sempre um Pichador; mas um Pichador nem sempre é um Pixador.

De início é apresentada a pixação e seu berço, São Paulo. Um contexto espacial de violência institucional e não institucional gratuita, de opressão que se manifesta por meio dos tons e traços da e na cidade, carregando para formas alternativas de expressão do ser. Os primeiros capítulos revelam a pesquisa feita pelo autor e sua interpretação desses fatos. A segunda parte da obra agrega o empírico, os dados coletados, os materiais observados do pixo pelos pixadores por meio de entrevistas e questionários.

Entender e expressar para além do círculo interno dos pixadores, mas também para ele, o significado dessa prática que mistura política, diversão, adrenalina e contravenção é um ponto forte do livro. Que a seu favor tem também a estilística, então: boa leitura a todas e todos!

Gabriel Grazzini Gabriel, Araraquara, 2021.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
PICASSOS DA BABILÔNIA: APRESENTANDO A PIXAÇÃO	16
DEDO SUJO ANTIFASCISMO	30
“A CIDADE É UMA PRISÃO”	30
“NA CIDADE CINZA... É PROIBIDO PENSAR”	38
TERRITÓRIOS EM RESISTÊNCIA	44
PIXAÇÃO NA PRÁTICA: NOTAS E ENTREVISTAS	49
MANIFESTO – O PIXO NOSSO DE CADA DIA	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61

INTRODUÇÃO

“Pra nós é arte, pra sociedade não! / Correr faz parte rapaz, eu vou sagaz na missão / Amante da pixação, nos fone tocando rap / Incomodando os bico, estico nos fat cap / Óh só prefeito, como a cidade tá decorada / Invasando o escalador, o bonde da madrugada / De rolo ou lata na mão, no apetite não traio / Respeito o samurai que sobe pelo para-raio / A tinta fede, pa nóiz já é pique colônia / Foscando no arregação, picasso da babilônia”
Nocivo Shomon – Pixadores

De início, gostaria de expor que essa pesquisa foi realizada para o trabalho de conclusão de curso em geografia e adaptada para publicação deste livro. Acho importante essa nota, pois a intenção aqui, é avisar que em algum momento, a pesquisa se demonstre com uma linguagem acadêmica, e talvez, por vezes maçante. Porém, essa adaptação buscar dinamizar e até torná-la o mais artística possível, assim como o pixo, que busca romper com as correntes que o prendem.

A noção sobre pixação que busco discutir é bem ampla, pois percorre caminhos teóricos sobre o Espaço e o Território, o que por vezes, o torna denso. Mas para isso, a base de tudo, é a vivência, a caminhada, a sensibilidade de acompanhar as passagens e acontecimentos históricos no cenário da pixação e transcrevê-los para cá. Envolve amizades, parceiras, aprendizados etc. Por isso, é de extrema importância se atentar as referências aqui utilizadas, cada música, cada filme, cada entrevista, documentários etc. Certo!?

É interessante percebermos que a análise da pixação por meio da perspectiva geográfica, demonstra que o pixo expressa reflexões pertinentes a análise do espaço geográfico, principalmente por se apresentarem impregnados de contradições, conflitos e representações.

Os pesquisadores Pereira (2010) e Altamirano (2018), em suas dissertações, trazem delimitações importantes para adentrarmos ao tema, definindo o movimento e suas particularidades por meio da caracterização teórica da pixação, dos pixadores e de seu entendimento antropológico e artístico sobre o pixo. O que é muito importante para quem quer se aprofundar teoricamente sobre o movimento e suas questões.

Como sabemos, a cidade capitalista contemporânea é desigual e se constitui através de relações de poder, que permeiam dominação entre classe, raça e gênero. Onde o próprio fato de existir bairros melhores e piores já evidencia um forte controle territorial em suas relações de poder. Essa questão envolve os pixadores, pois se encontram nos setores populares urbanos, vivenciando formas de controles criminais, sociais e políticos da população pobre, favelada, jovem e negra, tornando-a vulnerável a uma rápida percepção dessas formas de dominação que buscamos tratar aqui.

Ou seja, não é novidade que a maior parte dos pixadores são crias de quebradas, e que o pixo é uma “parada” do gueto, assim como o rap, o funk e toda uma cultura histórica de luta e de resistência, que se expressam através da cultura de rua da juventude periférica.

Como reflexo desta dominação, no senso comum, os pixadores são repudiados nos comentários, noticiários e nos discursos públicos, sendo taxados como vândalos, vagabundos etc. Numa visão institucional pública, há anos ocorrem políticas zonais contra a pixação e os pixadores, uma que podemos destacar, remete-se ao ex-governador do Estado de São Paulo que na época prefeito, articulou a operação Cidade Linda consistindo em um mutirão de serviços regulares e contínuos pelos quatro anos do seu mandato, coordenado pela Secretaria das Prefeituras Regionais, para revitalizar áreas em todas as regiões da cidade. Entretanto, no decorrer do tempo, houve contradições e diversas polêmicas em sua execução.

Mais do que repudiados, acabam sendo criminalizados socialmente, tornando viável também ações menos brandas que a citada acima. A criminalização perpassa por viés repressivo e autoritário por parte do Estado. Como exemplo podemos citar o caso dos pixadores Jets jr e anormais, que foram mortos por policiais em 2014 na Mooca em São Paulo. Não sendo o único caso de retaliações e repressões, assim, é fato a truculência militar contra os pixadores.

Neste sentido do discurso e na visão de integrantes do movimento e adeptos, o ponto de vista deles simbolizam as formas de pensamento e ação frente a dominação imposta, remetendo-se ao confronto de pensamento em diversas formas. “*É pra afrontar mesmo. É não estar nem aí mesmo [...] é anarquia pura. É ódio*” diz Cripta Djan no documentário PIXO, de 2009. Um dos notórios pixadores da cidade, Djan hoje se concentra em registrar e construir a caminhada do pixo, assim afirma que “*nosso movimento estava passando em branco.*” Outra perspectiva interessante que ajuda a compreender o debate proposto, é a versão de Andy Jankovski que argumenta que o pixo não é arte e também não é para ser em sua essência:

“O pixo não é Arte. A Arte é sublime, pertence ao Olimpo social cuja população periférica não possui ticket de entrada. O pixo é uma contra-arte, contra-estética, contra-cosmética social, não é feito para ser agradável. A assinatura do pixador no ponto mais alto da cidade demarca uma subjetividade, uma identidade a quem está acostumado a ser número, mera estatística. O pixo invade, se impõe, não é feito para ser estético ou bem visto, se o for perde o propósito. A pixação é um grito de resistência, de existência. É uma luta pessoal do pixador e de seu grupo contra o apagamento social cotidiano de sua classe, de sua cor. [...]”.

Essa ideia do *contra a arte* em que a autora busca explicitar de forma sucinta no contexto da manifestação do pixo, representa a negação do que é imposto a ser arte, mas também se remete a

autoafirmação do que é o pixo, seja em sua agressividade, insubordinação e/ou clandestinidade. Apesar da problematização – do que é arte, ser profunda e exija abrangência, destacamos brevemente a passagem a fim de compor outros rumos de pesquisas.

Nesse sentido da análise, tratando dos discursos públicos e ocultos, busquei acrescentar uma gama de propostas analíticas trabalhadas por Scott (2000) para que possamos ler, interpretar e entender a conduta política dos grupos subordinados num contexto de poder, hegemonia e resistência. Para isso, levaremos em consideração o valor simbólico das formas de insubordinação em sua representação espacial.

De acordo com essa perspectiva, Scott (2000) e Zibech (2015) entram em consenso ao exporem ideias ao relatar as formas de dominação e negação do protagonismo dos subordinados, tornando-os marginalizados e criminalizados. Como exemplo, a própria capoeira no passado, que apesar de diferenciações específicas e num outro contexto histórico, apresentaram-se semelhantes nas questões gerais de análise, enriquecendo o debate frente a uma relação de poder explícita de dominação e resistência.

Como justificativa, simplificando e parafrazeando O Rappa, questionamos: “O que as paredes pichadas têm a nos dizer? O que os muros sociais têm a nos contar? Por que aprendemos tão cedo a rezar?”

Aqui, é de fundamental importância apontar o pixo como uma forma de comunicação/expressão da juventude periférica, sendo essa, uma das formas de expressão de uma juventude silenciada pela criminalização do pixo, do funk etc.

É neste contexto amplo que se fortifica a pixação, oriunda da capital paulistana que nas ruas chamam a atenção e confrontam os espaços públicos e privados, ganhando holofotes por pesquisadores do mundo todo ao se atentar a um fenômeno da maior metrópole da América latina.

Isso posto, é necessário expor que essa pesquisa é importante para o pensamento geográfico também, pois busca aprofundar o debate sobre pixação no contexto urbano e aprofundar suas noções territoriais. O embasamento teórico busca autores que discutem uma geografia contemporânea e crítica para interpretarmos a sociedade em seus aspectos urbanos, sociais e políticos.

Dando continuidade, posso dizer que o objetivo geral dessa pesquisa foi analisar a pixação paulistana como prática espacial territorial-simbólica frente as problemáticas estruturais da metrópole, desde o planejamento urbano até as relações de poder na modernidade. Para isso, buscamos identificar características da pixação na cidade de São Paulo, para que, de forma empírica, pudéssemos fundamentar teoricamente algumas discussões.

Para realizar essa pesquisa, primeiramente atuamos de forma empírica, vivenciando as práticas espaciais dos pixadores, para que, em seguida, os anos e o arcabouço teórico do curso de geografia possibilitassem um aprofundamento teórico e reflexivo sobre a delimitação do tema. O procedimento constituiu-se em pesquisa bibliográfica massiva, utilizando apoios em materiais de diversos formatos, como: filmes, documentários, músicas e materiais bibliográficos, como: dissertações, artigos, TCC's, livros e revistas.

Após essa contextualização geral, acredito que possamos caminhar no sentido do aprofundamento em que buscamos neste estudo. No sentido do comprometimento com o pixo e com a reflexão dessa *vida loka* dos grandes centros urbanos.

PICASSOS DA BABILÔNIA: APRESENTANDO A PIXAÇÃO – SÃO PAULO (BR)

“Enquanto você reclama mais uma parede é pixada / Ataque de foscada, dedo sujo anti-fascismo / Artistas da ma-druga / Salve o vandalismo / Pé nas costa o terror / Verdades vou escrever / E a sociedade que julga, nunca vai entender”

Nocivo Shomon – Pixadores 2

Apresentar a pixação para quem não está inserido nesse convívio social é uma tarefa difícil, mesmo que óbvia a presença do pixo na paisagem das principais metrópoles brasileiras. Não notar a interferência dos pixadores nos grandes centros urbanos é praticamente impossível. Por isso é importantíssimo utilizarmos referências que abriam caminho neste sentido, e dizer que qualquer outra referência daqui ou qualquer outro lugar, tendem a somar muito, para que possamos avançar em uma abordagem mais geral, e até estrutural.

Para um entendimento mais preciso de suas particularidades, é de suma importância se atentar aos materiais referenciais deste trabalho e de outros por aí, uma vez que contam com um rico suporte em diversos formatos, como dissertações, fotos, vídeos, documentários, filmes etc. Pois, a proposta desta pesquisa não tem intenções em enfatizar a definição do mesmo, mas sim, se aprofundar nas discussões já realizadas.

As inúmeras particularidades do movimento estão atreladas às questões de diversas gêneses, desde suas formas de comunicações, linguagens e identidades, até questões como formatos estéticos dos letreiros e traços (alongados e pontiagudos) nas suas ações territoriais e em suas inter-relações nas práticas espaciais.

Sendo assim, demonstra-se:

Há nestas pixações um padrão estético peculiar, seguido e altamente valorizado pelos pixadores. Os contornos das letras têm que ser bem expressivos e o traço, firme [...] No pixo, cada letra tenta exprimir a exclusividade daquilo que ele está estampando através de um formato único dado ao que ele pixa. Com isso, as letras tomam contornos bem angulosos, dificultando a compreensão do que é escrito. (PEREIRA, 2005, p.15-16.)

Aqui, nota-se uma das suas principais formas características e de identidade sobre o objeto de estudo. Trata-se de uma apropriação do espaço urbano específico, através das letras agressivas, transgressoras e dotadas de repulsa no senso comum que na principal metrópole brasileira, ganhou holofotes e simpatizantes no mundo todo, contraditoriamente.

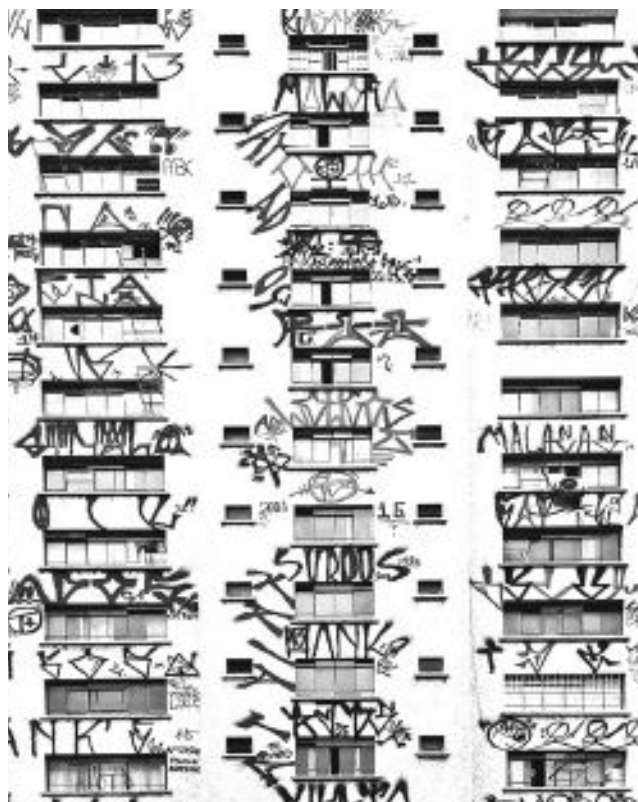


Figura 1: Apresentando a pixação.
Fonte: @besidecolors, disponível em:
<[instagram.com/p/ByXs8HbhHP0](https://www.instagram.com/p/ByXs8HbhHP0)>

Para explicitar didaticamente, a *Figura 1*[†] ilustra o objeto de estudo em suas características mais marcantes no cenário paulistano. Essa estética, os riscos em destaque chamam atenção e esboçam inúmeros questionamentos para a população. Como se pode observar, a predominância dos pixos ressaltam os aspectos pejorativos da região metropolitana, escrachando nos muros a desigualdade, insegurança, repressão, dominação e insubordinação.

[†] **Nota da edição:** em algum momento entre os anos da pandemia de Covid-19 o perfil @besidecolors foi apagado por motivos que desconhecemos.

Outro aspecto importante a ser mencionado remete-se aos próprios nomes riscados nas paredes da cidade, pois nos trazem questões peculiares que convergem com o sentido transgressor, subversivo e obscuro, sendo:

Há um número considerável de pixos que se referem às idéias de sujeira, criminalidade, marginalidade, transgressão, loucura etc [...] Como: A Máfia, Bandit's, Febem, Fugitivos, Vândalos, Lixomania, Sujos etc. (Adaptado de PEREIRA, 2005, p.28-29)

Numa perspectiva mais ampla, consideramos:

A manifestação se coloca como uma oposição às regras em diversas dimensões: às regras da legislação, pois configura crime; e às regras dos modos como se experimenta o espaço urbano na São Paulo fragmentada – programado, hostil para com as alteridades e esvaziado pelo medo, pela ausência de espaços pedestres ou pela euforização do isolamento dos espaços homogêneos em detrimento à convivência heterogênea [...] a pixação surge como uma contestação das normas do gosto e, assim, não só rejeita a dinâmica do habitus secundário no contexto de São Paulo, como questiona os princípios que regem a categoria universalizada do bom gosto ou da norma culta. (ALTAMIRANO, 2018, p.163)

As citações situam a complexidade da manifestação em suas diversas formas, ligadas a contradição em vários âmbitos da vida humana. A oposição, o contexto e a contradição apresentam ligações diretas com a produção do espaço urbano. Permitindo-nos refletir sobre relações de poder em seus diversos níveis na sociedade contemporânea.

Para se atentar a intensidade e o que o movimento representa, objetivamente é buscar compreender os riscos e os limites travados em suas ações territoriais, tanto quanto a repressão policial e o controle social existente na cidade e quanto ao próprio ato de

escalar e invadir propriedades privadas para deixar suas marcas como forma de confronto. Na *Figura 2*, observa-se que o movimento é capaz de surpreender os limites do possível, ao dominar externamente a fachada de um prédio.



Figura 2: Apresentando a pixação: e seus limites.

Fonte: @besidecolors, disponível em
<[instagram.com/p/BxXosNhntcO](https://www.instagram.com/p/BxXosNhntcO)>

Nesse sentido, uma passagem fundamental no marco histórico da pixação é o fato da organização dos pixadores realizarem uma série de ataques que colocavam em xeque discursos a respeito da arte. Tipo, imagina só... Invadir exposições tradicionais acerca do que é arte carrega uma representação complexa, nos permitindo remeter a questionamentos sobre suas tradições escravocratas e classistas.

Os caras estão a frente do tempo, com pensamentos e ideias próprias, trazendo originalidade aos riscos. Estamos tratando de cultura de rua, de maloqueiragem, de sagacidade e contestação. Depois de certos fatos, entre acertos e erros, os pixadores evoluíram tudo isso. Hoje a estética da pixação está presente em muitos lugares, em muitos holofotes comerciais, estéticos e artísticos.

Dando continuidade, procuramos destacar uma breve diferenciação sobre a própria pichação de outras localidades (como o xarpi no RJ, os graffs e tags de NY, o letrado baiano no Nordeste etc.) para que possamos consolidar a noção de pixação de São Paulo. Utilizamos essa passagem para compreendermos a característica do pixo surgido em SP frente a outras formas de intervenção nos muros de outras cidades e com outras influências estéticas, mas que mesmo assim, apresentam-se numa relação próxima entre ambas, e que são complexas e contraditórias. Nota-se proximidades e dissidências, convergências e divergências, dadas as condições estéticas, mercadológicas e políticas de cada uma. Mas visto que a origem, a “árvore-mãe” disso tudo, apresenta-se ligada diretamente, no sentido da contestação e da resistência.

Este último adendo busca enfatizar o pixo surgido em São Paulo, mas não se restringindo apenas a essa cidade, pois como veremos mais a frente, a pixação paulistana com sua estética e sua dinâmica expandiu-se para outras cidades. Assim como os graffs que surgiram nos EUA e expandiram-se para o mundo inteiro, estamos aqui, tratando da pixação, que surgiu no contexto latino-americano e que vem ganhando território e territorialidades globais.

Adiante, em confluência para caracterizações gerais do movimento analisado, atente-se:

A pixação em São Paulo teve diversas fases desde que ela por aqui surgiu. Celso Gitahy (1999), grafiteiro e estudioso do tema, identifica quatro destas fases. A primeira corresponderia ao início, em meados da década de 1980, em que pixadores deixariam seus próprios nomes pela cidade. Na segunda fase, surgiria uma maior competição pelo espaço e, ao invés do nome próprio, passa-se a usar o pseudônimo de grupos que desejam se tornar mais conhecidos que os outros. No terceiro, Gitahy aponta o momento em que pixadores começam a driblar porteiros e zeladores de prédios para pixar nos lugares mais altos, esta é a fase em que quanto maior o risco melhor. Com a imprensa voltando suas lentes para os pixadores, surge o que este autor denominou de quarta fase [...] "Nessa fase a pichação atingia seu auge, quando o maior acontecimento na mídia, aquele que gerasse a maior polêmica, era o que todos os pichadores queriam. Aparecer, acontecer, desafiar as autoridades ou realizar obras inusitadas passou ser a ordem do dia. (PEREIRA, 2005, p. 37)

Ao se tratar do desenvolvimento e das características do movimento, é válido ressaltar o contínuo processo de amadurecimento e expansão da mesma. Sendo que a cada ano, vem ganhando espaço por meio de novas articulações políticas, artísticas etc por meio da expansão territorial e regional.

Adiante, nota-se um adendo sobre as modalidades da pixação, de acordo com seu desenvolvimento ao longo do tempo (ALTAMIRANO, 2018). Devidamente complementa que com o passar dos anos, as modalidades evoluíram e se transformaram, podendo denominá-las como chão, prédio, pé nas costas, cabo, escada, janela, escalada e corda.



Figura 3: Janelas.

Fonte: @besidecolors, disponível em
<[instagram.com/p/BxfQsMNhyAZ](https://www.instagram.com/p/BxfQsMNhyAZ/)>

Nas figuras 2, 3 e 4 apresentam-se as modalidades de escada, janela, corda e cabo, que se resumem, basicamente, as formas que foram utilizadas para o ato de pixar e registrar a sua “marca” territorial (griffs, uniões etc). As ilustrações são de total importância para compreender a dimensão do movimento aqui discutido, demonstrando que a pixação, se encontra profundamente marcada por questões políticas e sociais.

Apesar de não termos intenções de demonstrar uma a uma, pois já foi feito pela autora, o interesse em expor essas características são para entendimento geral de sua dinâmica, para assim, conciliar com as propostas analíticas aqui adotadas.



Figura 4: Escalada e corda.

Fonte: @besidecolors, disponível em
<[instagram.com/p/BySqFxnBqRW](https://www.instagram.com/p/BySqFxnBqRW/)>

Em síntese, para delimitarmos de fato o movimento que aqui tratamos, buscamos organizar sinteticamente, e de fácil leitura, duas principais características que se expressam no dia a dia dos pixadores em suas relações com o espaço urbano.

A primeira está ligada aos points dos pixadores, que:

Eles têm como palco principal de atuação a rua, local onde pixam, encontram os amigos e resolvem os conflitos [...]. Não por acaso, afirmam pertencerem a uma "cultura de rua. (PEREIRA, 2015, p.44)

Ou seja, os points nada mais são do que locais de encontro periodicamente relativas (semanais e/ou mensais) entre os pixadores, para trocarem ideias, formarem uniões, estabelecerem amizades, marcarem rolês etc. Hoje encontramos diversos points localizados estrategicamente, ao longo da malha urbana metropolitana. O pico estratégico, vem no sentido de pontos em comum e de favorável recreação do movimento de rua, praças, centros comerciais etc.

Outra passagem interessante se refere aos rolês, folinhas, griff's e as uniões. Respectivamente e breve, os rolês são as ações nas madrugadas que ocorrem o ato de pixar, as folinhas são as assinaturas em papéis para serem trocadas e disseminadas entre os pixadores, já as grifes desempenham os papéis do grupo, que executam o mesmo símbolo, e as uniões representam a junção de grifes (PEREIRA, 2005).



Figura 5: Uniões e grifes: Círculo Forte Brasil e Unidos pela rua.
Fonte: @criptadjan, disponível em <[instagram.com/p/CUoB1nhrh9a](https://www.instagram.com/p/CUoB1nhrh9a)>

No contexto da apresentação da pixação, é válido expressar em imagens suas características peculiaridades e seu desenvolvimento estético, político e territorial. Na *Figura 5*, temos um “bloco” de pixadores que se articula para fazer acontecer a propagação de suas práticas espaciais, trazendo o mapa do Brasil com as uniões e as griffs citadas.

Já na *Figura 6*, registra-se as folhinhas produzidas em encontros de pixadores, sejam elas em festas, points etc. A assinatura, os colecionadores, as trocas de ideias e de uniões atua no fortalecimento da cultura, que se destaca notoriamente nesse aspecto.



Figura 6: Folhas.

Fonte: @pixasampa, disponível em
<[instagram.com/p/BkFc13AnpZ7](https://www.instagram.com/p/BkFc13AnpZ7/)>

Em convergência, os dois principais autores que embasam a definição de pixo aqui estabelecidas (ALTAMIRANO e PEREIRA; 2018 e 2015) nos remetem às práticas territoriais e atividades oriundas da juventude periférica, ou seja, evidentemente atrelados a noção de manifesto das margens com alto grau de relação política, cultural e social desses grupos, principalmente por apresentar dinâmica na relação centro – periferia.

Ao tratarmos de questões urbanas, que mais à frente serão elaboradas e discutidas, é importante contextualizarmos o desenvolvimento da cidade de São Paulo e suas possíveis relações com esses jovens periféricos, que em sua formação apresentam complexidades nos principais processos de transformação da metrópole.

Questões estas que estão atreladas a diversos fatores sociais, que inclusive são objetos de estudos muito bem elaborados por geógrafos, como temas sobre segregação, expansão territorial, controle social, repressão, exclusão etc. Observa-se questões diretamente atreladas à formação histórica e social da grande São Paulo, desde a noção de uma São Paulo europeia, até as atuais medidas públicas, ocorridas na metrópole global contemporânea.

A pixação embrionada em São Paulo que se dissemina para outras cidades e países, demonstra que essa contraditória ação territorial e/ou prática espacial dos jovens da periferia, visto pelo Estado, pela mídia e pelo senso comum de forma a serem criminalizados, despertou interesses e se disseminou para Belo Horizonte, Goiânia, Recife, Alemanha, Nova Iorque etc. A expansão da pixação ocorreu devido a própria movimentação territorial estratégica ao registrar um grande movimento que germinava na metrópole paulistana.

Para elucidar melhor essa propagação do pixo a nível internacional e em diversas escalas, demonstramos passagens na história do movimento para explicitar a sua dimensão, sendo assim, podemos destacar a exposição do pixador Cripta Djan

“Em nome do pixo” que celebrou seus 20 anos de pixação e também outras mostras que levaram a singular cultura do pixo nacional a bienais de arte contemporânea em Paris e Berlim, ele estreou sua primeira residência solo na Europa, em Birmingham, na Inglaterra, recentemente, com a série de murais *In The Name of Pixo*, entre outras atividades realizadas.

Dando continuidade, outro adendo viável e que busca uma atualização da caracterização da pixação nas pesquisas sobre o pixo, remete-se a afirmação de Alexandre (2005) ao afirmar que a pixação é predominantemente masculina, e que a presença feminina se dá principalmente por meio de namoradas e amigas que acompanhavam os pixadores. No entanto, a presença masculina ainda é predominante, porém, é notável que as mulheres pixadoras vem se multiplicando e abrindo espaço para outras interpretações. Como exemplo, podemos citar a “SUSTOS” carol; “DONAS” glu; “ENERI” psm; “PIXA.GIRL”; “TRAVESSA”; “ATOMICA” rde; “SUJEITAS”; “AS+XEGADAS”; “LOBA” gi; “MINA LOKA” bruna; etc. Nesse sentido, ainda há contradições da pixação frente a posicionamentos e predominância de pensamentos e práticas – machistas – entretanto, há o aumento de mulheres adeptas e praticantes do ato de pixar se destacando notoriamente.

Outro ponto pertinente a ser mencionado e posteriormente elucidado através das questões empíricas – via entrevista, nota-se influência do mesmo, em outras regiões. Ao longo da história da pixação houve articulação, troca de experiências e desenvolvimento mútuo em outras metrópoles. Ou seja, também se demonstrou presente nas ruas de outros Estados e Países, ampliando o leque e a visibilidade da cena.

Ao se tratar da expansão da pixação de São Paulo para outras regiões do Brasil, nota-se Belo Horizonte como um grande polo em expansão do movimento em seus diversos aspectos territoriais e regionais. Entretanto, a pesquisa aqui busca trabalhar com sua ótica voltada para São Paulo delimitando o objeto de estudo, porém a breve noção e indício da propagação do pixo é de suma importância dada a consistência do que estamos tratando.

DEDO SUJO ANTIFASCISMO

“A cidade é uma prisão”

"É os ordinários na pura disposição / Os mais sujeira do cenário é inveja da oposição / Então acorda nois vai subir sem corda / Onde falta educação as lata de tinta transborda / Três da madrugada minha fuga é a porta de entrada / Pra eu subir no sapatim e decorar sua sacada".
Afroking – Pixadores ordinários.

Neste capítulo buscamos destacar as problemáticas enfrentadas no contexto urbano, envolvendo noções de planejamento e correlacionando-os com os movimentos sociais. Para isso, nos baseamos ao estudo desenvolvido por Souza e Bruce (2004). Também destacaremos as observações históricas e políticas realizadas direta ou indiretamente para com a pixação, revisando a autora Altamirano (2018) e Pereira (2005), para assim adentrarmos a um balanço mais complexo do espaço geográfico e as noções territoriais que envolvem as relações de poder.

Relacionando o pixo com a questão urbana, caminharemos com a geografia urbana e, consecutivamente, aos debates ligados ao planejamento. Para isso, apoiamo-nos em Souza e Bruce (2004), questionando o papel do Estado frente a dinâmica histórica do capitalismo, obtendo como condução principal o desdobramento do planejamento urbano proposto pelo Estado e seu conteúdo ideológico. Os autores demonstram que o conteúdo social e ideológico permeia interesses de grupos, pois o planejamento e a gestão tendem a ser conservadores – de sua ordem política e econômica vigente. Entretanto, surgem as mobilizações sociais e/ou ativismos.

Ao buscarmos uma compreensão de como se constituiu a metrópole paulistana, procuramos brevemente perpassar pelo contexto histórico e os principais projetos que estabeleceram uma identidade dominante e como se refletiu na formação da cidade. Sendo assim, a proposta é contextualizar o processo de construção da metrópole em suas diversas formas, ao esmiuçar a configuração desse espaço como um fértil terreno para o surgimento da pixação. Para isso, utilizaremos perspectivas históricas para situarmos de qual São Paulo estamos tratando, retomamos a partir do interesse de colocar a capital na posição do centro regional, de meados da metade do século 19 em diante.

Sintetizadas, das primeiras ações urbanísticas da cidade, demonstram-se atreladas ao estímulo de uma classe dominante nacional, uma vez que:

Iniciando-se o período da República no Brasil e a intensa mudança na urbanização, nota-se o rápido crescimento populacional e territorial, advindo das imigrações. Pós esse período introdutório a Primeira República (1889-1930), o centro passa a demonstrar em seu território, valores estabelecidos pela elite dominante e a alta burguesia entre prédios comerciais e bairros destinados a moradias. Sendo válido referenciar figuras como Francisco de Paula Ramos de Azevedo e o urbanista Francês Joseph-Antoine Bouvard como expoentes de traços de uma São Paulo atual (ALTAMIRO, 2018).

Em contrapartida e contraditoriamente, em oposição ao cenário moderno e ostensivo das áreas centrais, surgem destinos para as moradias dos mais pobres, que passam a assumir a posição periférica. Logo, nesse período que sucedeu o desenvolvimento da cidade do café, a expansão urbana regulada pelas elites formou os bairros de operários nas zonas industriais que acompanhavam as vias férreas.

Segundo Altamirano (2018), já no final da década de 1920, foi consolidado o primeiro Código de Obras, baseado nos modelos de Chicago e Nova Iorque, EUA. Esse código buscava um tipo de zoneamento, estabelecendo um padrão municipal para as construções particulares, e adentrando ao início da verticalização em São Paulo.



Figura 7: A cidade edificada.

Fonte: @besidecolors, disponível em <[instagram.com/p/BZ6qOoDgxZ0](https://www.instagram.com/p/BZ6qOoDgxZ0)>.

Em paralelo, é importante mencionar essas condições que historicamente foram sendo impostas ao pensar e transformar a cidade, principalmente quando se trata de planejamento conservador e em especial a essa introdução ao zoneamento:

O zoneamento, teoricamente, é um instrumento que pode ajudar a organizar e planejar o desenvolvimento da cidade, assegurando conforto e bem-estar e a boa aplicação dos recursos públicos. Todavia, já sabemos que o zoneamento serviu, muitas vezes, para segregar. (SOUZA; BRUCE, 2004, p.72)

Amarrando as questões sobre planejamento, Estado e a sociedade capitalista em que a grande São Paulo está inserida, entendemos que uma sociedade capitalista, marcada por conflitos e desigualdades, tende a fazer com que o Estado promova ações de planejamento e gestão que visem a manutenção das desigualdades. Como por exemplo a segregação residencial.

Retomando a breve passagem histórica, temos um marco interessante após a conclusão do Edifício Martinelli 1929, a autora demonstra o processo de verticalização em SP, incentivado pela elite:

[...] o início de um processo de verticalização da metrópole, figurativizando valores associados à noção de progresso, para além da modernização. Com a população pobre deslocada para fora da área central, a liberação e valorização das terras na região possibilita a verticalização e consolida um processo de especulação imobiliária, endossado pela influência política dos setores urbanos, especialmente a classe média, que, aliada a burguesia, aplicava seus lucros na construção de edifícios para aluguel (ALTAMIRANO, 2018, p.78)

Nessa passagem, a autora demonstra que a tendência europeia na intervenção urbana, defendida pela elite cafeeira do começo do século, agora soma aos valores atrelados ao ideal norte-americano, marcada simbolicamente por automóveis e aos grandes prédios, conhecidos como “arranha-céus”.

Ao se tratar dos prédios e da verticalização urbana, é visível que para os pixadores, os prédios são os mais visados para o desenvolvimento da mesma. Nas figuras, podemos ilustrar didaticamente a disposição de suas ações territoriais. Daí, podemos resgatar um dos porquês da impregnação da pixação nos prédios, e até dos holofotes em que os prédios trazem consigo, como destaque, disposição e notoriedade entre os pixadores que realizam o fato consumado.

As razões explicativas para esse tipo de relação, fundamenta-se por meio da tendência dos projetos elitistas de desenvolvimento urbano histórico, que como uma “espécie de efeito colateral”, surge a impregnação estética conflituosa e invasiva que é a pixação. Logo, a intenção de resgatar historicamente os interesses e planejamentos que se circundaram na formação da cidade de São Paulo, buscamos evidenciar a pixação como uma resposta tardia daqueles processos urbanos do início do século.

Com uma rápida contextualização, adentramos às perspectivas aqui inseridas na construção do espaço urbano através do crescimento contínuo da metrópole, industrialização, verticalização do centro e expansão periférica, atrelado ao período de Prestes Maia (1938-1944). Esse processo se configura interligado com a relação estética da modernidade, advento do transporte público e seus processos de modernização (ALTAMIRANO, 2018).

Perpassando pelos seguintes processos, uma passagem que antecede a década de 80 e 90, estão atrelados ao período do regime militar. O regime autoritário fundou várias instituições voltadas para o planejamento e o tratamento de problemas urbanos. Em síntese, surgem políticas públicas como o Banco Nacional de Habitação (BNH) e o Sistema financeiro de habitação (SFH), os quais introduzem profundos debates. Para isso, utilizaremos brevemente noções já discutidas por Altamirano (2018).

Após o período autoritário e desenvolvimentista, nota-se uma reestruturação global, convergindo com a redemocratização, passagens políticas e econômicas atreladas ao neoliberalismo e um importante debate da consolidação da metrópole frente a identidade hegemônica e o próprio surgimento de novas formas de organização política e ativismos sociais (ALTAMIRANO, 2018).

Nesse sentido, compreende-se que:

É nas décadas de 1980 e 1990 que ocorre uma transformação nos padrões residenciais, especialmente para as classes mais altas e as mais baixas. O crescimento da pobreza, combinado com a valorização dos terrenos nas periferias (conforme elucidamos anteriormente), tornando a autoconstrução menos acessível, fez aumentar significativamente o número de favelas e cortiços [...] Por outro lado, moradores ricos deixam as regiões centrais para habitar novas áreas da cidade, em regiões distantes – adotando os condomínios fechados. (ALTAMIRANO, 2018, p. 108)

Outra característica importante é o enfraquecimento do antigo planejamento urbano regulatório, que em meio a ascensão neoliberal passam a ocorrer outras diretrizes no planejamento (SOUZA e BRUCE, 2004).

A partir disso, geograficamente, surgem propostas analíticas e desdobramentos frente as transformações dos conceitos até então estabelecidos, como no caso do debate centro e periferia. Assim, a autora traz questões de uma cidade fragmentada e em constantes transformações, atreladas ao espaço privado.

A experiência do final de 1980 é de uma cidade mais complexa do que a do padrão centro-periferia da década de 1970, devido uma série de mudanças globais, sociais e econômicas, das quais se configuram na reversão do crescimento demográfico, recessão econômica, desindustrialização e desenvolvimento da periferia, atrelada ao empobrecimento das camadas trabalhadoras, que resultou em barreiras físicas, e controle social. Logo:

A pixação começa a se mostrar na paisagem da metrópole já na última década do século passado e se alastra pelo enunciado do território urbano esvaziado de gente e de sujeitos abertos às suas interações. Pixadores e pixadoras reivindicam uma apropriação da cidade por parte da população que é maioria, mas que é também a mais vulnerável. (ALTAMIRANO, 2018, p.127)

É justamente nesse período que as propostas urbanas se baseavam na demanda de mercado, configurando-se como “mercadófilo”, apoiados na remodelação, revitalização e focado na valorização do espaço urbano, surgindo assim, condomínios, shoppings etc.

Nessa conjuntura contraditória de ascensão e crise em seu paradigma, desdobram reflexões importantes em relações aos ativismos e movimentos sociais, que, conceitualmente, apresentam semelhanças e disparidades.

A proposta aqui é estabelecer a pixação inserida em um contexto espacial de dominação e relações de poder estrutural. Para isso, destacamos o Movimento de Trabalhadores Sem-Teto (MTST) e o Hip Hop, pra que busquemos traçar um paralelo com a pixação.

Não estamos caracterizando a pixação como um movimento idêntico ao MTST e outros movimentos sociais, estou querendo dizer que o pixo está inserido no mesmo cenário de opressão que estes movimentos, mas que, apresentam formas expressivas e organizacionais diferentes. Estamos aproximando-os em um horizonte amplo e complexo de luta, pois é preciso lutar contra toda uma série de processos que reproduzem as desigualdades sociais na cidade.

Neste sentido, o próprio Hip Hop como cultura de rua e do gueto, apresenta-se como uma cultura politizada, trazendo elementos da arte, como a dança (break), esporte, grafite e o rap como a trilha sonora contestadora.

Na Figura 8, podemos discorrer sobre algumas informações importantes acerca das principais discussões aqui inseridas: 1) O caráter político da pixação; 2) A pixação é um movimento social?; e 3) O controle social nas cidades, relações de poder, dominação e insubordinação.

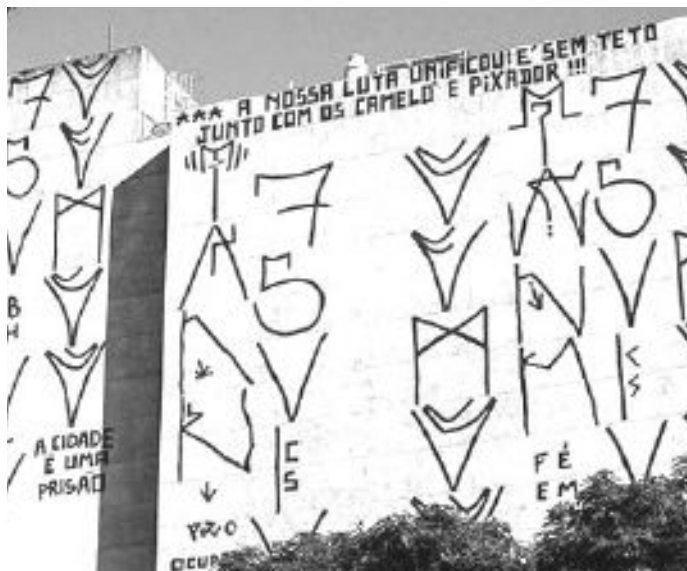


Figura 8: Pixação: Ativismo ou movimento social? “A nossa luta unificou! É sem teto junto com os camelôs e pixador!!!” – “A cidade é uma prisão”.

Fonte: @besidecolors, disponível em <[instagram.com/p/BIYGAY4hBZZ](https://www.instagram.com/p/BIYGAY4hBZZ/)>.

E aê, o que você acha deste balanço? A pixação se configura enquanto um movimento social? Por fim, acredito que entre o planejamento urbano e a pixação podemos destacar o pixo como uma manifestação, carregada de identidade e memória, que se faz necessária ao desenvolvimento da mesma, que nitidamente se apresenta como um reflexo da contradição do desenvolvimento metropolitano, escancarando contestação, controle e desigualdade do espaço público e/ou privado e suas relações ali estabelecidas.

“Na cidade cinza... é proibido pensar”

“No chão risquei, no alto escalei / De rolo ou spray eu dei-
xei a marca / Mais um pra ficar na memória / O bonde se-
gue foscando, incomodando o doutor Dória / Querem ci-
dade limpa e a rua cheia de buraco / Onde a corda arre-
benta sempre do lado mais fraco / Pela-saco ataca e taco
tinta na parede / Na cidade cinza onde é proibido pensar”.

Nocivo Shomons – Pixadores 3.

Frente ao contexto urbano e social aqui abordado, nota-se como um terreno fértil para o nascimento de um movimento como a pixação, que frente às situações de controle social e de dominação surge como formas de insubordinação, adentrando em conflitos diretos com as relações de classe e o poder hegemônico.

Contextualizando o cenário metropolitano de controle social via tecnologias aplicadas, como câmeras, drones, seguranças, propriedades privadas, condomínios etc. É de suma importância o debate frente as questões da modernidade, contemporaneidade e problemáticas sociais do Século 21. Para isso nos basearemos em Haesbaert (2014) para elencar alguns pontos interessantes a perspectiva aqui delimitada, para assim juntar os principais pontos das questões que a pixação se insere.

Nesse contexto, dialogando com as concepções expostas do geógrafo Haesbaert (2014) é necessário introduzirmos também, aspectos antropológicos, para promover uma conexão entre o conjunto geográfico na análise do espaço urbano frente as simbologias produzidas pelos pixadores. Considera-se, então, que nas relações de poder há o estabelecimento de práticas atreladas às expressões, ora dos dominantes, ora dos dominados. A introdução dessas questões é elucidada nas Figuras 8 e 9 ao indagarem que a cidade é uma prisão, sintetizam e expressam as noções contemporâneas das relações de poder e do controle social. Frente a esse cenário, até então elaborado, o viés a ser tomado é a perspectiva não apenas da dominação, mas sim da ação territorial da insubordinação e suas respectivas questões.



Figura 9: A cidade é uma prisa...
Fonte: @besidecolors, disponível em
<[instagram.com/p/BjtRUiwnpDi](https://www.instagram.com/p/BjtRUiwnpDi)>.

Ao se tratar da subordinação e dos diversos tipos de dominação (contenção, controle, detenção etc.), percebem-se relações diretas com a classe social, pois as relações de poder entre a classe superior e inferior estão dotadas de direitos políticos, econômicos e sociais. Logo:

[...] al demostrarse que las estructuras de dominación operan de manera similar, también podrá percibirse cómo estas mismas hacen surgir, si el resto de las condiciones no cambia, reacciones y estrategias de resistencia asimismo comparables a grandes rasgos. De esa manera, los esclavos y los siervos – que normalmente no se atreven a rechazar de manera abierta las condiciones de su subordinación – muy probablemente crearán y defenderán, a escondidas, un espacio social en el cual se podrá expresar una disidencia marginal al discurso oficial de las relaciones de poder (SCOTT, 2000, p. 19-20)

Em convergência com a pixação, o propósito desta análise é compreender os aspectos dessa prática enquanto uma forma de resistência frente aos valores sociais dominantes, uma vez que ao descobrirem contradições e tensões, os grupos subordinados acabam produzindo representações a partir de sua vivência, gerando um discurso oculto, onde critica as formas de poder do dominador (SCOTT, 2000).

Nessa perspectiva, utilizando um exemplo didático devido à aproximação do questionamento aqui proposto, temos um paralelo interessante envolvendo a capoeira em sua gênese:

Larruscahim e Schweizer (2014) argumentam que a criminalização do pixo segue a lógica da criminalização de outras expressões da cultura popular brasileira como a capoeira, que no início do regime republicano era enquadrada como crime contra a pessoa e a propriedade, em um código penal que também tipificava a “vadiagem”, ou seja, criminalizava aqueles que não estavam inseridos no mercado de trabalho. No contexto da São Paulo européia, capoeira e vadiagem precisavam ser contidas através da lei penal, pois no recente estabelecido modo de produção capitalista representavam uma subversão do imperativo da máxima exploração da força de trabalho para a produção da mais-valia. (ALTAMIRANO, 2018, p. 236)

Entretanto, a pixação inserida no espaço urbano em tal contexto até aqui elaborados, é necessário, uma gama de informações para conseguirmos interpretar e entender a conduta política dos grupos subordinados. Utilizando as propostas analíticas por Scott (2000) adentramos a análise dos discursos públicos e ocultos. Logo, em síntese o discurso público resulta em oferecer provas convincentes para a manutenção dos próprios valores dominantes, que socialmente se apresentam hegemônicos (SCOTT, 2000).

Já o discurso oculto, caracteriza-se:

Si he llamado a la conducta del subordinado en presencia del dominador un discurso público, usaré el término discurso oculto para definir la conducta "fuera de escena", más allá de la observación directa de los detentadores de poder. El discurso oculto es, pues, secundario en el sentido de que está constituido por las manifestaciones lingüísticas, gestuales y prácticas que confirman, contradicen o tergiversan lo que aparece en el discurso público. (SCOTT, 2000, p. 28)

O discurso público se apresenta como uma ação respeitável frente ao senso comum, preservando a ordem vigente. Já o discurso oculto, está dotado de particularidades e baseado numa outra vivência cotidiana, podendo ser analisada por meio das gírias, cantos populares, de suas práticas etc. Também, é importante ressaltar que ambos os discursos são dotados de valores simbólicos, encarando determinadas manipulações e consequências.

Sendo assim, podemos demonstrar na prática as situações relacionadas ao discurso público e o discurso oculto. Quando se trata de São Paulo, podemos recapitular ao caso do ex-prefeito João Dória Jr., que foi uma das últimas figuras públicas a travarem o combate à pixação através do programa Cidade Linda.

Ao longo da história da pixação tiveram vários momentos em que o discurso público procurou combater e criticar, como já demonstrado, pelos meios de comunicação e incentivos a políticas públicas ao combate da mesma. Nessa perspectiva, o discurso público se apresenta contra as ações exercidas pelos pixadores, tachados de marginais, vagabundos e delinquentes. Em contrapartida, o discurso oculto é a própria essência do movimento, apresentam conflito direto para com o poder dominante e hegemônico, como por exemplo, a invasão da Belas Artes, a Bienal e outras intervenções em outros países.

Em contextualização, destaca-se:

La práctica de la dominación y de la explotación produce normalmente los insultos y las ofensas a la dignidade humana que a su vez alimentan um discurso oculto de indignación. Una distinción fundamental que se debería establecer entre las formas de dominación reside tal vez em los tipos de humillaciones que produce, por rutina, el ejercicio del poder (SCOTT, 2000, p.31)

Essa interação no espaço, sujeita a reação e negação ideológica dos discursos, estão correlacionadas ao controle social e vigilância, diretamente ligadas e efetivadas na metrópole. Daí que Scott (2000) propõe formas elementares de disfarce, convergindo com o anonimato dos pixadores em sua relação com o espaço urbano. É daí que os jovens de periferias encontram formas de “subcultura”, desenvolvendo seus próprios códigos e normas sociais.

O autor evidencia o aspecto político atrelado as representações coletivas da cultura, através do “disfarce” falado, representado e suas possíveis inversões simbólicas. Sendo assim dialogadas:

Las expresiones culturales de las clases bajas han tenido, em general, una forma más oral que escrita. El tipo de aislamiento, control e incluso anonimato producido por las tradiciones orales, gracias simplemente a su medio de

transmisión, las convierte en un vehículo ideal para la resistencia cultural. Necesitamos analizar, aunque sea brevemente, la estructura de las tradiciones orales para apreciar de qué manera la canción folklórica, el cuento popular, el chiste y las coplas al estilo *Mother Goose* han asumido un fuerte contenido subversivo. (SCOTT, 2000, p.192)

Essas concepções aqui destacadas são intencionais, para discutirmos paralelamente com as ações territoriais e organizacionais dos pixadores. O antropólogo político James Scott, evidencia bem o caráter classista e suas formas elementares de resistência. Podemos afirmar com firmeza, que o discurso oculto produzido pelos jovens “marginalizados” é rico para aprofundar análises e embasamento frente a dominação hegemônica.

Em síntese, buscamos demonstrar o contexto contemporâneo da sociedade, atrelados ao controle social (poder) e, em paralelo, construímos uma concepção antropológica para interpretar as características do nosso objeto de estudo – pixação. No geral, a pixação apresentou-se por si só enquanto clandestina; com um discurso oculto e que possui anonimato. Outros “padrões” também acabam sendo “rompidos”, uma vez que a invasão, a agressividade, a estética e a disposição dos sujeitos atuam mesmo existindo o controle social, através das câmeras, seguranças, militares etc.

Territórios em resistência

“Oh lá, a invasão na avenida / Brincando com a morte, escrevendo o ódio da vida / Escrita suicida ferida foi revelada / E a lama de Mariana pros porco, não pega nada / Os ninja da escalada, só quem vive pra sentir / Adrenalina no sangue minha gangue vai invadir / Eles tenta oprimir, dizendo o que é correto / Nesse mundo errado um monte paga de certo / Selva de concreto, vou deixar minha marca / Luz no fim do túnel é o farol da barca / Armado de tinta, atento pra não moscar / Tantos dois só da vinte, de jet nós vai foscar / Mídia tenta ofuscar, arte de rabiscar / Morre um nasce um monte sem medo de arriscar”. **Nocivo Shomon** – Pixadores 2.

Nesse contexto urbano insano traçado até então, vimos à necessidade de considerar e ampliar a concepção aqui estabelecida. Para isso, propomos engajar a pixação numa análise territorial complexa na realidade das grandes cidades latino-americanas. O geógrafo Haesbaert (2006) nos traz elementos interessantes para pensarmos.

Em correlação direta a questão do espaço metropolitano, nota-se pontos fundamentais para amarrarmos, como princípio desta pesquisa, entre a tríade – metrópole – pixação – território. Essa complexa abordagem, revela múltiplas conexões e possibilidades. Logo, demonstra-se:

O espaço metropolitano é extremamente enfático na medida em que revela as múltiplas conexões dos sentidos atribuídos à espacialidade e incorpora sinteticamente a mudança e a permanência, o caos e a ordem, sem os justapor, congregando-os em uma dinâmica comum que constitui, em certo sentido, a própria natureza dos processos de metropolização. (HAESBAERT, 2006, p.88)

Em síntese, essa complexidade multiterritorial na metrópole paulistana também carrega potencialidade de sua capacidade criativa, cultural e dinâmica com o espaço urbano. Essa pluralidade, diversidade e influências globais também estão relacionadas com o desenvolvimento político, estético e territorial da pixação.



Figura 10: O risco

Fonte: @besidecolors, disponível em <[instagram.com/p/BVOA6s-AnbF](https://www.instagram.com/p/BVOA6s-AnbF)>.

A *Figura 10* tem o intuito de trazer reflexões sobre esse dinamismo e complexidade. “Tribos”, “Perigo”, “Zero”, “Surdos”, “Fúria” e “Gatilhos” entre outras griffs, estão expostas nas janelas de cima a baixo, mesmo que de difícil leitura e codificação ao senso comum, é válido, em uma sutileza na análise, perceber a representação e as possíveis interpretações, visto que na metrópole há concorrência de diversos anúncios de marcas, lojas etc. Em que o marketing, a publicidade e os meios de comunicação se propagam e se expandem, também ocorre formas de comunicação, de cultura, de estilo e de tendências paralelas.

Logo, para além da abordagem da organização econômica – divisão territorial do trabalho – é preciso reconhecer funções políticas, disciplinares e também simbólicas. Essas problemáticas ligadas ao território e ao espaço social/geográfico sugerem sensores, a partir do conjunto das múltiplas formas de construção/apropriação (concreta e/ou simbólica) de interação e de elementos como o poder. Em síntese, Haesbaert propõe:

Trata-se, no conjunto, de compreender e analisar um espaço-território que é sempre, e ao mesmo tempo, espaço concreto, dominado, instrumento de controle e exploração, e espaço diferentemente apropriado (concreta e simbolicamente, utilizando a distinção lefebvriana entre dominação e apropriação), através do qual se produzem símbolos, identidades, enfim, uma multiplicidade de significados que operam em conjunto com funções estratégicas, variando conforme o contexto em que são construídos. Este espaço geográfico que participa ou compõe, direta ou indiretamente, nossas relações cotidianas, com seus muros, fronteiras, suas infovias, suas imagens, seus fluxos, suas “rugosidades”, este é o grande universo em que, aqui e ali, tímida ou mais incisivamente, procuramos desenhar nossos "territórios alternativos" (HAESBAERT, 2006, p.10-11)

Neste sentido, as questões do próprio conceito de território e suas ramificações (territorialidade, territorialização e à multiterritorialidade etc.) fortificam nosso ensaio. Principalmente devido à complexidade do espaço metropolitano contemporâneo, que se compreendem por múltiplas intensidades de conflitos e transformações, de resistências e ambiguidades nesses contextos espaciais (HAESBAERT, 2006).

A importância de compreender os aspectos territoriais da pixação é principalmente notar os seus aspectos simbólicos frente a situação política-econômica dominante. Por isso, a amplitude e horizontalidade do conceito de território aqui são de suma relevância, pois reafirmamos a realidade concreta da sociedade contemporânea através dos ditos “territórios alternativos”. Logo:

Essa configuração de “contra-espacos” dentro das ordens sociais majoritárias precisa ser analisada, seja na mescla mínima das relações cotidianas, seja em escalas mais amplas, pois é neste jogo de contraposições que pode ser dividido e incentivado um novo arranjo espacial, capitaneado por uma base democrática que permita o confronto de identidades, com o florescimento permanente de uma diversidade libertadora (HAESBAERT, 2006, p.15).

Ao se tratar da identidade metropolitana e as próprias marcas da modernidade – em total acordo com as noções aqui estabelecidas, traremos o questionamento:

Todo grupo se define essencialmente pelas ligações que estabelece no tempo, tecendo seus laços de identidade na história e no espaço, apropriando-se de um território (concreto e/ou simbólico), onde se distribuem os marcos que orientam suas práticas sociais. Para nós, o fundamental é discutir a variabilidade e a conjunção desta dinâmica identitária espacial no contexto da modernidade. Assim, se os diferentes grupos (e/ou classes) sociais que formam o tecido da metrópole necessitam de um território como base de afirmação, como isto acontece nesta realidade de permanente mudança? (HAESBAERT, 2006, p.93)

Esse ponto nos faz pensar o espaço metropolitano como um complexo território que mescla diversas identidades, logo multi-apropriado, e que podemos correlacionar com a pixação germiada na metrópole paulista. Não é a toa que nas metrópoles do Sul Global, com toda sua especificidade e sua complexidade de opressão e liberdade, numerosa e contraditória surge esse movimento. E é justamente vendo a metrópole neste sentido que temos a certeza que a cidade é um lócus de disputas territoriais.

Em arremate a cronologia de ideias aqui expostas, as noções de territórios alternativos demonstram a relação mútua do conceito em seu estrito zonal, através do território simbólico, de resistência e subversivo que aqui foi caracterizado na pixação.

Nesses quesitos, é de suma importância o fechamento do embasamento teórico através das questões empíricas, elaboradas a partir da vivência e coleta de documentários, pesquisas, filmes e notícias conciliadas com um roteiro de perguntas para alguns pixadores.

PIXAÇÃO NA PRÁTICA: NOTAS E ENTREVISTAS

Ao introduzirmos as questões empíricas, nada melhor do que utilizarmos materiais produzidos pelos próprios pixadores, para que possamos considerar as noções aqui trabalhadas. O primeiro, será um manifesto publicado por Cripta Djan em seu site, contextualizando e discutindo as direções e as perspectivas aqui estabelecidas. Já no segundo, trabalharemos uma espécie de questionário/entrevista com alguns pixadores da cidade de Guarulhos/SP, com a intenção de um possível salto qualitativo de todo referencial teórico já trabalhado, tratando das questões territoriais, sociais e antropológicas.

A principal intenção é demonstrar de forma prática e direta a convergência entre o que os pixadores têm a dizer, para registrar e consolidar as noções conceituais de análise e dos objetivos deste trabalho. Também é necessário expor que essas questões empíricas são pontuais, intencionais e específicas, pois traduzem o objetivo desta monografia, visto que, paralelamente ao longo dos anos ocorreu um vasto estudo e coleta de informações sobre a pixação, através de uma série de trabalhos de campo, participações em eventos e inúmeras discussões.

Em adendo, ao propormos uma ótica voltada para à pixação e todo o seu caráter resistente, alternativo, subversivo etc., procuramos evidenciar uma visão não institucional, buscando demonstrar uma visão de “dentro” da movimentação para “fora” dela, e é de suma importância, relatarmos também a complexidade contraditória não homogênea da pixação. Adiante, adentrando ao primeiro ponto, temos:

Manifesto – O pixo nosso de cada dia.

"A pixação, normalmente escrita com X, por nós, pixadores, não é apenas uma grafia estilizada de palavras nos espaços públicos da cidade, trata-se de um desenvolvimento expressivo realizado em sua maior parte por jovens das periferias, e funciona como a voz dos sem voz, o grito mudo dos invisíveis, brado pintado, corre existencial, identidade, assim por diante. Na pixação não há um consenso, muito menos liderança única. Na realidade, são vários bandos, uma vasta vida louca solta pela cidade.

Quem pixa defende com unhas, dentes e tinta preta a prática e filosofia da pixação. O feitiço da pixação arrebatou o sujeito pixador, pede dedicação desmesurada e risco de morte. Na pixação o que realmente importa é a dinâmica de criação dos riscos, não basta só pixar, temos que produzir excitação e adrenalina, transgredir para progredir, radicalizar, chocar. Exercer nossa liberdade de expressão, já que vivemos numa falsa democracia. O novo meio urbano reforça e valoriza desigualdades e separações e é, portanto, um espaço público não-democrático e não moderno. Processos de discriminação se combinam ao medo, criando novas formas de segregação, dentre as quais a construção de muros é a mais emblemática.

O que para uns é vandalismo, pra nós é (re)apropriação, o pixador é o artista urbano que vê a cidade como suporte. Estamos nos (re)apropriando de uma cidade que foi negada a nós. O pixo é a retomada da cidade por parte dos excluídos. Cada parede pixada é sinônimo de insatisfação social, se agrada ou desagrade já é outra questão, o importante mesmo é que incomode. A pixação pede mais do que passagem, pede permanência, como pedra lascada e não polida. Como um conceito, e não inconseqüência, pede solidez e clama por respeito, e se assim não for o pixo vai pegar.

Nesse exato momento muitos pixadores estão nascendo, sina traçada, ainda sem saber se gente ou urbanoide. É circunstancial e sintomático por referência cultural, por contingência social, por razões antropológicas. Somos a tribo dos escribas underground, predominantes e crescentes na bolsa amniótica das periferias.

Para quem ainda não sabe anuncio aqui: Não há futuro, o pixo é a ausência do futuro, a enfermidade da vida, praga moderna, peste aerosol, câncer cancro cítrico. Vale o que está escrito nas paredes, e nós não pretendemos parar".

Cripta Djan – Os + Fortes (SP) Brasil 2013.

Esta carta, disponível no site do pixador Cripta Djan tem uma grande importância para elucidarmos todo o contexto trabalhado, perpassando pelas questões territoriais frente as relações de poder na modernidade e no meio urbano do século 21. Além de ser desenvolvido a partir de um trabalho sério do próprio pixador, em referência há um movimento amplo, complexo e em expansão.

No texto são expostas diretamente noções de classe, de insubordinação e de revolta para com uma estrutura concreta opressiva, ou seja, é uma expressão dos jovens da periferia, uma forma de comunicação do gueto, dos “sem vozes” e dos sem poderes de decisão perante a sociedade. Apresenta-se, então, como uma forma subjetiva e de identidade frente a falsa democracia estabelecida política e socialmente.

A complexidade de se entender essa dinâmica, talvez se expresse na radicalização, na adrenalina, no risco e na memória. Numa espécie de guerra onde os sujeitos pixadores correm risco da morte, vivendo de tal intensidade, do ato e da disposição de insubordinação que pode custar a vida do sujeito, e isso, é muito profundo.

Toda essa crise de insegurança, discriminação e segregação expressada nos muros, acaba expondo fragilidades de um processo histórico de desigualdade e de espaços públicos não democráticos, demonstrando instabilidade territorial frente as territorialidades que ali se fundem e disputam entre si.

A agressividade da mesma se dá de diversas formas, pela prática ousada, pelo rompimento da cultura do contentamento, pelos sujeitos dispostos a romper com as formas de dominação, vinda de cima para baixo. Todas essas questões dialogam diretamente com as questões aqui discutidas sobre planejamento urbano, dominação, resistência e também as questões complexas da concepção de território. Elencado com as entrevistas realizadas temos a proposta de validar perspectivas individuais de pixadores, para assim explanarmos e finalizarmos a complexidade da mesma.

Dando continuidade, em relação as perguntas aos pixadores entrevistados, buscamos traçar um paralelo em prol de um fácil entendimento, relacionando com as questões levantadas ao longo do texto. Buscamos a compreensão das principais características das práticas dos pixadores procurando demonstrar seu caráter ideológico e político frente as relações de força e de dominação, para assim, demonstrarmos o peso da responsabilidade que o movimento obtve através de sua expansão e fortificação em escala mundial.

Na primeira pergunta, questionamos a noção de disputa de território e sua relação com o pixo, visto que o sentido de território aqui perguntado nos auxilia através de simples concepções evidenciadas, ajudando a compreender as respectivas noções discutidas anteriormente. Para o pixador “FATOR kin” considera-se disputa territorial sim, respectivamente: “No sentido de deixar o nome lá mesmo, eu to aqui, eu to vivo” (MALACHIAS, Éric. Em entrevista concebida para o autor em 2020)

Para o “PIXAIN royal”, compreende-se que:

Em relação ao território é assim, você geralmente é conhecido pelo o que você faz. As vezes a pessoa nem te conhece, mas sabe do seu rolê entendeu, sabe sua marca, sua caminhada no pixo. Porque quem gosta e observa, lembra dos roles, das quebradas etc. (MACIELO, Bruno Garcia. Em entrevista concebida para o autor em 2020)

Para o ex-pixador “RAPA samoth”, que por razões acidentais em prol do pixo não atua mais, porém ainda admira e tem muito a contribuir. Temos:

Total, ele acaba sendo isso. Quando eu comecei até foi isso, eu queria que entendessem que o bairro era “meu”, eu fiz rua por rua, até chegar no centro, eu via a rota do busão, e fazia para que as que pessoas que passassem ali, vissem que eu residia por ali. Da mesma forma que você sobe o prédio lá em cima para ser na parte superior, você quer estar acima, pela visibilidade (COSTA, Thomas Marcel. Em entrevista concebida para o autor em 2020).

Nesse sentido, o “TRAGO zore” nos traz uma outra contribuição: “Sim, a gente faz na quebrada de outros manos, e outros cara faz na nossa quebrada. Isso é dahora. [...] Entre nós pixadores nem tanto, mas existe também uma certa disputa” (FIGUEIREDO, Thiago Souza. Em entrevista concebida para o autor em 2020).

Nas perspectivas territoriais aqui demonstradas, nota-se a importância das marcas impressas nas paredes, no sentido da visibilidade, da quantidade de áreas pixadas e locais “explorados”, de serem vistos, lembrados e conhecidos dentre os pixadores.

Neste amarró, desdobra-se questões pertinentes a ampliação da noção territorial aqui exemplificada, partindo para outras perguntas, relacionando-as ao caráter ideológico e político do cenário, indo de encontro com as noções conceituais definidas teoricamente.

Logo, nesse sentido, as próximas perguntas procuram ir ao seio do debate evidenciando o sentido ideológico do movimento, fazendo com que seus desdobramentos atinjam a própria noção conceitual do território. Essas perguntas, estão no sentido de o movimento também ser uma forma de protesto, de insubordinação, de “contra-ataque” e em prol do povo pobre, preto e marginalizado.

Para o pixador “FATOR kin” compreende-se que:

Isso, ninguém manda em mim. Isso, contra a propriedade privada. [...] Antes até era mais, agora as vezes, tá até meio moda. Antes tinha um porquê. Já fui em festa na casa do “Ileais riber”, que ele fazia festas no fim do ano da pixação, e que os próprios pixadores levavam brinquedos, cestas básicas etc., tudo para distribuição lá da quebrada dele. No próprio convite já vinha a informação para levar brinquedos. O mano é daora, representa. (MALACHIAS, Éric. Em entrevista concebida para o autor em 2020)

Nesse sentido, para o “PIXAIN royal”, considera-se que:

Certo, contra as leis, contra a dominação da elite e da política, por que não tem retorno, muita ganância dos maiores aí, eles não olham para a periferia, isso daí é tipo um protesto da periferia. [...] Sim, em prol do povo e da liberdade de expressão. Ela não chega ser uma violência, é uma forma de expressão. (MACIELO, Bruno Garcia. Em entrevista concebida para o autor em 2020)

Já para o “RAPA samoth”:

Também, com certeza a busca desse ibope, dessa fama não é à toa né, é uma forma de você estar, é uma forma de você mostrar que você existe, você impacta, você está num lugar que ninguém nem ia deixar você passar a catraca né, nem na portaria, mas você tá lá em cima e eles nem te vieram, eles subestimaram tanto você, que você passou por tudo isso, fez um pixo e foi embora. Daí eles se pergunta por que, querendo a justificativa que são vândalos, mas tipo, obvio que isso é vandalismo. Eles são tão cultos, que

não têm a perspectiva de entender aquilo, de como é difícil fazer isso né porque o cara trabalha o dia inteiro, tem família e aí ele fica ausente da família e o sagrado, para comprar tinta para denegrir um patrimônio privado. Tem muito amor pela parada. (COSTA, Thomas Marcel. Em entrevista concebida para o autor em 2020)

Nesse ponto, o “RAPA samoth”, traz uma perspectiva tão rica e autoexplicativa, que aqui enfatizamos a passagem, para posteriormente discutirmos essa concepção expressada. Para finalizarmos este item, expomos a última entrevista, do “TRAGO zore” sendo direto e afirmativo: “Sim, totalmente. Contra o sistema. A gente age na madrugada, tá no sangue, quem tá na rua sabe” (FIGUEIREDO, Thiago Souza. Em entrevista concebida para o autor em 2020).

Essas passagens são muito importantes para demonstrarmos o caráter do movimento, pois a crítica e o sentido de “revolta popular” no movimento vem da própria pixação, e por si só expõe isso, também não foi o expoente pixador Cripta Djan que criou isso, mas sim algo que é coletivo, em sua essência de surgimento, desenvolvimento e expansão.

Esse caráter “insurgente”, “subversivo”, “ofensivo”, “insubordinado” expresso desde o início do trabalho referente ao pixo, agora aqui, evidenciamos. É apresentado como algo óbvio e direto por quem faz, porém, para quem não compreende, está aqui expressa. Para isso, o “RAPA samoth”, brilhantemente demonstra com um português incisivo o quanto é complexo o simples ato de pixar. O simples ato da invasão, o simples ato de romper uma lógica estrutural opressora, racista e classista.

Que é vandalismo, isso é óbvio. Mas o ponto, é que, muitas vezes para quem é letrado, as vezes poliglota, doutor, e que discute uma série de conhecimentos no campo da arte, da ciência, viaja o mundo, é bem informado etc.. acaba que não percebe a contestação cultural, filosófica e política na gênese e na essência da pixação.

Mas na verdade, talvez, não era e nem é para entenderem isso, demonstrando de fato a concepção classista, tornando incompreensível para toda uma elite e seu pensamento.

Dessa forma, colocaremos em debate e exibiremos de forma sucinta a dimensão, expansão e propagação da pixação paulistana pelo mundo. Nesse sentido, citamos alguns casos de articulações ao longo do texto anteriormente entre alguns documentários, palestras, exposições e até o pixo presente em outras cidades, estados e países. A intenção é ter a noção e introduzir um possível aprofundamento sobre, para levantarmos essas questões a fim de iniciar algo que pode e deve ser melhor elaborado em outro projeto.

Para isso, visto essa expansão através das redes sociais, traremos aqui, expressa pelos próprios agentes da cena do pixo. A última pergunta das entrevistas se refere a expansão da caligrafia urbana surgida em São Paulo para a escala global. Logo, para o “FATOR kin”, essa expansão existe, e complementa:

Orra, vários caras daqui do Brasil já foram pixar até em exposições lá fora. Não tenho certeza, mais o mano Telas, um mano do “Nada.?. Somos” foram tudo pra Alemanha pixar. Sem contar o pixo presente no interior de São Paulo, em Curitiba, Belo horizonte e um monte de lugar. Pelo que eu conheço, tem uns lugares como Rio de Janeiro, Ceará que é diferente. O pessoal chama de xarpi, tem uns traços diferentes. Mas a modalidade de São Paulo expandiu bastante (MALACHIAS, Éric. Em entrevista concebida para o autor em 2020)

“PIXAIN royal” acrescenta:

Sim, ela vem muito das letras dos discos de rock, começou na década de 80, e em 90 deu vários passos e depois dos anos 2000, muitas festas, muitos pixadores foram surgindo e se expandindo para Curitiba, Bahia, nordeste, que depois da globalização da internet, orkut, facebook, começou uma expansão forte pelas fotos, pelo estilo e foi ai até outros países. (MACIELO, Bruno Garcia. Em entrevista concebida para o autor em 2020)

Para “RAPA samoth”:

Sim, ela se expandiu de uma forma que nem os pixadores imaginavam. Devido a tecnologia, comecei perceber isso em 2005/2006 [...] E aí depois de um tempo acontece essa repercussão de invasão de picos privados, gravações de DVD vai levando para o outro patamar.[...] Isso vem principalmente pela estética, essa evolução que vende para fora, eu estive em Berlim e aí lá eu percebi que estava sendo expandido isso, porque eu vi um artista que fez uma lateral com letra de pixo, quando cheguei mais perto vi que estava desenhado, então tipo, estava tentando chegar na estética do pixo. E aí anos depois “Os Cururu” vai parar lá, e o gringo foi atrás dele. O cara fez um rolê junto com ele porque ele queria entender o que que estava acontecendo, assim que você vê, que está num nível Mundial, e os caras estão tentando entender como que é, porque é algo daqui, porque é criado geneticamente aqui. Os caras tem vindo muito para cá, para entender o que tá acontecendo, e como funciona. Isso é um impacto positivo, por mais que seja vandalismo e não vai deixar de ser, mas pensar isso esteticamente é muito louco, você analisar os lugares que ele fez e como ele fez, já está impactando, e tá fazendo as pessoas enxergarem, criticarem etc. isso é arte. Pensar ô porque, quando fez, isso feio, isso é bonito ou vice-versa então você está fazendo arte para mim. Isso foi impactante porque já se tornou global, e em outros estados já estão acompanhando. Hoje está complexo, você vê no Japão, na França, Berlim, lá em Portugal. E já logo associam que é forma de fazer de brasileiros. (COSTA, Thomas Marcel. Em entrevista concebida para o autor em 2020)

Por fim, “TRAGO zore” expõe: “Sim, tenho vários parças que levou pro Japão, Áustria, o Zé do ‘Lixomania’ levou pros Estados Unidos, o ‘Kop’ levou pro Peru. E várias outras cenas, no interior de SP nem se fala, em outros Estados do Brasil também” (FIGUEIREDO, Thiago Souza. Em entrevista concebida para o autor em 2020).

Como podemos analisar, a pixação surgida em São Paulo tem referências e influência em escala global. Está presente em outros países de diversas formas, exemplificadas pelos próprios pixadores. O seu peso estético traz muitos questionamentos e avança de diversas formas no campo da arte, da ciência social etc. Esse intercâmbio ocorre em diversos setores e a articulação de possibilidades amplia-se internacionalmente falando.

Alguns exemplos dessas conexões são: 1) pixadores nativos de SP viajam para outros lugares e pixam; 2) pessoas de outros lugares conhecem os riscos surgidos em SP, se interessam e começam a fazer (pela rede, viajando etc); 3) pixadores de SP articulam e influenciam diretamente o interior de SP, Paraná, Minas Gerais e outros lugares.

É válido que depois de alguns documentários, inúmeras fotos, vídeos, filmes, músicas, marcos como o da Belas Artes, Ibirapuera e articulações estrangeiras, muitas possibilidades surgiram. Isso demonstra o quanto é palpável e que esse movimento possui um corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Justiça pros Lacerda, É ditadura pros Pereira Justiça pra pilantra, É ditadura pra Pereira! [...] Se sua igreja tá pixada, Quantos terreiros demoliram, Ao simples troco de nada! Crime ambiental†, Hahahahaha...” **DV TRIBO** – HINO

Nas considerações finais buscamos demonstrar o percurso e destacar alguns pontos positivos, algumas dificuldades e também indiciar extensões desta pesquisa, buscando possíveis reflexões.

No intuito de demonstração, destacamos a importância da presença do pixo na cidade, impressa através de representação, comunicação e de contestação, ao compreender a metrópole paulistana como um pólo cultural complexo e de tremenda desigualdade socioterritorial. É necessário reconhecer que discutir o circuito da pixação e seu conjunto de informações elencados com a Geografia, exige dedicação.

Para sintetizar, consideramos que o espaço quando territorializado mantém uma relação muito forte com os indivíduos e sua compreensão da realidade. O cotidiano, as práticas espaciais, as relações de poder e a dinâmica da metrópole paulistana apresentam inúmeras contradições a serem exploradas.

Sendo assim, buscamos apresentar a pixação como um fenômeno urbano e social (SOUZA E BRUCE, 2004), buscando um caráter expresso pelos próprios pixadores, através dos respectivos materiais, registros e percepção do mesmo (PEREIRA; ALTAMIRANO; DJAN IVSON, 2005-2018). Após a contextualização sobre o objeto

† **Nota da edição:** É comum, ao serem capturados pelos burocratas armados do Estado, os pixadores acabarem enquadrados em crimes ambientais nos processos que respondem no judiciário.

de estudo, estabelecemos as principais questões desdobradas, indo de encontro com discussões acerca das noções antropológicas sobre as relações de poder, dominação e insubordinação antropológicas (SCOTT, 2000). Para assim elucidar teoricamente o conceito de território aqui trabalhado, pelo viés da concepção de territórios em resistência e territórios alternativos (HAESBAERT, 2014).

Também consideramos como ponto positivo o percurso teórico para o salto qualitativo a partir das entrevistas, sejam realizadas nesta pesquisa ou não, como de diversos outros documentários. Neste sentido, as entrevistas se apresentam como um ponto forte da pesquisa, por isso agradeço fortemente aos pixadores entrevistados, mantendo meu máximo respeito e admiração. Porque, pra quem tá ligado, esses manos tem relevância na movimentação em Guarulhos/SP e anos de experiência nessa caminhada. Esses caras, tem uns rolê bem loko e bem feito! Um comprometimento com a linguagem e estética em seus letreiros.

Tendo em vista uma curta e intensa história de desenvolvimento da pixação aqui abordada, é notável sua expansão, aperfeiçoando e se desenvolvendo rapidamente em vários aspectos, sejam ao se expandir para outras cidades, estados e países além da metrópole paulistana, mas também, desenvolvendo-se as suas técnicas e sua própria estética etc. Fazendo com que surjam novas possibilidades, ocupação de outros lugares, outras escalas e proposições.

Na combinação da análise das relações entre o pixo, o território e dos sujeitos, procuramos identificar perspectivas geográficas frente o estudo da metrópole, do planejamento urbano e do contexto social concebido, para assim, buscar uma efetivação de “territórios alternativos” (HAESBAERT, 2014).

Para terminar gostaríamos de expressar a consciência de uma trajetória de análise específica, e que ainda contém inúmeras possibilidades de interpretações sobre o tema. Além disso, enfatiza-

mos que esta pesquisa não procurou apresentar resultados quantitativos e pontuais, mas sim de reconhecer algumas características gerais do movimento da pixação, demonstrando diferentes formas de uso, ocupação e apropriação do espaço urbano.

As questões empíricas buscam balancear toda a teoria trabalhada com a posição dos próprios pixadores. Dos que constroem o movimento dia a dia, há anos.

No mais, é isso.

Satisfação, Monstro dos Mares!

REFERÊNCIAS

- ALTAMIRANO, Micaela. **A pixação na paisagem de São Paulo**: o risco como construção do sentido da vida urbana. Dissertação de mestrado em Comunicação e Semiótica. PUC-SP. 2018. Disponível em <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/21338>>
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: A aventura da modernidade / Marshall Berman; tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FRAGA, Nilson Cesar. **Territórios e fronteiras** – (re)arranjos e perspectivas. Florianópolis: Insular, 2011.
- GABRIEL, G. G. **Espaço e o cotidiano dos jovens escolares no processo ensino aprendizagem em Geografia, uma experiência no PIBID – Ourinhos-SP**. Ourinhos, 2015.
- GRAHAM, Gibbs. **Análise de dados qualitativos**. Tradução Roberto Cataldo Costa – Obra originalmente publicada sob título Analyzing Qualitative Data ISBN 978-0-07619-4980-0. Porto Alegre: Artmed. 2009.
- HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Editora Bertrand Brasil, 2018.
- _____. **Territórios alternativos**. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- _____. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina”. Buenos Aires: CLACSO, fev. 2021.
- NASCIMENTO, L. H. P. **Pixação: a Arte em cima do muro** Luiz Henrique Perereira Nascimento. – Cachoeira do Sul: Monstro dos Mares, 2015.

- PEREIRA, A. B. **De role pela cidade: os pixadores da cidade de São Paulo**. Dissertação de mestrado em Antropologia. São Paulo: FFLCH-USP. 2005.
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos**. 2.ed., 1.reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- SCOTT, J. **Los dominados y el arte de resistência**. México: Era. 2000 (1990).
- SHISHITO, A. A. **Os circuitos de grafite na cidade de São Paulo (SP) e os diferentes usos do território na metrópole corporativa e fragmentada**. Rio Claro, 2018.
- SOUZA, M. BRUCE, G. **Planejamento urbano e ativismos sociais**. São Paulo: UNESP, 2004.
- SOUZA, Marcelo Lopes. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. - 2013. 1 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.
- ZIBECHI, R. **Territórios em resistência: cartografia política das periferias urbanas latino-americana**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

**THIS MACHINE
KILLS
FASCISTS**



Estamos tratando de cultura de rua, de maloqueiragem, de sagacidade e contestação. Depois de certos fatos, entre acertos e erros, os pixadores evoluíram tudo isso. Hoje a estética da pixação está presente em muitos lugares, em muitos holofotes comerciais, estéticos e artísticos.



ISBN 978-85-68845-10-3

